

## NOVA RENASCENÇA

Revista trimestral publicada pela Associação Cultural do mesmo nome, sob o patrocínio da Fundação Eng<sup>o</sup> António de Almeida, no Porto, desde 1980, em que apareceu o Manifesto para uma NOVA RENASCENÇA de que destacamos:

"Promover a maior cultura do povo português, por meio da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola" - como se dizia no estatuto da "Renascença Portuguesa" -, eis ao fim e ao cabo objetivos precisos, cuja actualidade permanece, e a que alguns de nós já vêm metendo ombros, apesar de todas as dificuldades. Valerá só por si a pena prosseguir-los, com persistência e determinação.

Dando corpo e expressão a um germinar crescente de actividades nos nossos mais diversos campos de Cultura, impõe-se a criação de um órgão que, como A Águia, seja "um lugar onde todos os princípios e ideais fraternizam", desde que livres e portanto imunes aos vírus totalitários. Nesse horizonte, anunciamos a publicação de uma revista que, em homenagem a essa geração precursora, se intitulará Nova Renascença e terá a sua sede no Porto, embora se alargue a todo o espaço cultural de língua portuguesa.

Fazendo um apelo aos cidadãos e intelectuais de boa vontade para que se juntem a nós, a fim de receber e continuar criadoramente essa herança, daremos conta em breve deste projecto cuja realização depende apenas do apoio que receba, à partida, do povo do Porto e do Norte.

Porto, 15 de julho de 1980

A revista tem como diretor literário José Augusto Scabra, como diretor artístico António Corte-Real e como diretor científico Alfredo Ribeiro dos Santos.

Maiores informações à Redação de NOVA RENASCENÇA, Fundação Eng<sup>o</sup> António de Almeida - Rua Tenente Valadim, 331 / 4100 Porto - Portugal.

## RESENHAS

SCLIAR, Moacyr.

Cenas da vida minúscula.

Porto Alegre, L&PM, 1991, 237p.

A narrativa percorre nada menos do que dezoito séculos da antiguidade bíblica até 1984, passando pela antiguidade grega, idade média e aurora da modernidade européia nos séculos XV e XVI. O empreendimento literário é sem dúvida ambicioso, embora relativizado pelo tratamento irônico e humorístico. Nas primeiras linhas do romance: "Não é pouco o que hoje sei, portanto começo com Kafka, que resume tudo neste aforismo: 'Duas possibilidades: ser infinitamente pequeno ou fazer-se infinitamente pequeno. A primeira possibilidade é perfeição, portanto inação; a segunda é o começo, portanto ação'. Franz Kafka - sei, sim, quem é. Porque não é pouco o que hoje sei". (p. 5).

"Não é pouco o que hoje sei." Note-se o rebuscado e hierático da fórmula que, não fosse a atitude deliberada do narrador, poderia ser "hoje eu sei muito". Reforçando o tom elevado, segue-se a citação de Kafka e o trecho encerra-se com a retomada do mote: "Porque não é pouco...". Há evidente contraste com o parágrafo seguinte, que contém uma digressão francamente ginásiana sobre história brasileira, incluindo referências a 1922, Independência e cores da bandeira nacional. Esta justaposição revela muito do procedimento do narrador protagonista, que é irônico, mas empenhado em saber, em conhecer a si mesmo através da anamnese. Não por acaso a última frase do livro retoma o "não é pouco o que hoje sei".

Se não é pouco o que o protagonista sabe, não é o suficiente para que tenha aprendido sequer seu próprio nome. Só no final do livro, encerrando sua viagem de autoconhecimento, ele se predispõe ao batismo, que permanece uma promessa. Assim, a cortina cai quando a conquista da identidade torna-se muito provável.

A busca do conhecimento liga o protagonista anônimo diretamente a Habacuc (não o profeta menor bíblico, mas um fictício filho de Salomão), um de seus mais remotos ancestrais, que transmite a seus descendentes o projeto de descobrir o meio de criar a vida por meios artificiais. Esta busca dá o fio que o anônimo narrador desenrolará à sua maneira digressiva e humorística, colocando em questão a própria ambição do projeto dos inúmeros e sucessivos Habacucs, que acompanham mais ou menos a trajetória do povo judeu até o século XVI, quando algo de novo surge sob o sol. De resto, os descendentes de Habacuc confundem-se num só Habacuc imbuído de sua missão atávica, mas não necessariamente obcecado por ela, antes mantendo o necessário distanciamento para atravessar os séculos sem excessivos problemas, até porque há grandes saltos cronológicos na seqüência narrativa: "Cinquenta anos em cinco? Quinhentos anos em cinco linhas, isto sim". (p. 49).

A capacidade de atravessar incólume e com bom humor situações embaraçosas ou perigosas recorda ao leitor brasileiro um outro anti-herói invulnerável e zombeteiro: Macunãma. Há em Habacuc traços do herói arquétípico do folclore, capaz de ultrapassar enormes barreiras sem sofrer maiores conseqüências físicas ou psicológicas, embora evidentemente Scliar remeta antes ao anti-herói judaico, esperto e infeliz, personagem daquelas historietas e piadas um tanto autodepreciativas que tanto agradavam a Freud.

A invulnerabilidade, contudo, é um problema para Scliar. O tratamento humorístico dá desenvoltura à narrativa e interesse às peripécias do personagem, mas torna um tanto inverossímeis os conflitos de Habacuc, em especial a culpa por não ter cumprido a missão que o pai do primeiro Habacuc, Salomão, dera ao filho. O personagem ganha densidade justamente nos momentos mais feéricos e leves, que vão desaparecendo à medida que a narrativa aproxima-se do presente, de 1984. Habacuc, então, sai de cena e temos um descendente remoto, já agora o anônimo narrador que empreende não mais a busca da fórmula de criação da vida, mas a recordação de sua própria história, da qual Habacuc faz parte.

Com o protagonista recordando, com alguma dificuldade, a sua biografia, a narrativa aproxima-se do romance realista: o personagem perde a invulnerabilidade de seus antepassados e as rupturas cronológicas praticamente cessam, i.e., o mundo mítico é paulatinamente abandonado para dar lugar ao mundo dessacralizado, moderno. Permanece, todavia, o comentário irônico, que agora examina e satiriza a vida de classe média em São Paulo, contemplada através da perspectiva de um amazonense, nosso narrador anônimo. Como Scliar encontra antepassados judeus para um diminuto amazonense que tem grande intimidade com a floresta equatorial é um segredo que não cabe ao resenhista revelar. Antes digamos que o autor une, assim, o imaginário judaico, a preocupação ecológica e a crítica à massificação e competição no mundo urbano.

Desta variedade, o protagonista anônimo retirará sua identidade fragmentada e dilacerada, ainda que ironicamente percebida. O baixinho judeu amazonense é movido, porém, não por um abstrato ideal de conhecimento, antes alimenta a busca do autoconhecimento com a dor por ter perdido a mulher amada, num procedimento que atravessa todo o presente da narrativa. Assim, a perda da mulher teria deflagrado a busca da identidade, em uma leitura sugerida pelo próprio narrador, mas não isenta de contestação a partir de uma certa ambigüidade do texto.

A ambição do empreendimento literário de Scliar encontra-se agora melhor definida, implicando amplitude de perspectiva, tratamento irônico e composição próxima do mítico seguida de narrativa linear tendendo ao realismo. O conjunto traz na sua variedade uma forte dimensão de alegoria sobre o Brasil, com um baixinho judeu amazonense empenhado em estabelecer sua identidade num processo acidentado que não dispensa o auxílio poderoso da fantasia e da alucinação.

Homero Araújo  
Doutorando de Literatura Brasileira na UFRGS

Esse número especial do Boletim reúne trabalhos que têm a preocupação de explicar os mecanismos pelos quais a ironia se apresenta em textos literários, enquanto recurso de construção textual. Os trabalhos que compõem a coletânea lidam com diversos aspectos de que se reveste a ironia na literatura, quer coo a figura de retórica, quer como intencionalidade do texto de se mostrar como construção, artifício.

A introdução procura apresentar o aspecto desestabilizador da ironia, que se baseia no caráter reversível da palavra e na utopia de um significado instalado e imutável, frizando o deslizamento de significantes e de significados e a incômoda certeza de que tudo no mundo é aparência, representação. Entre as palavras e as coisas expõe-se o mundo construído pela linguagem, buscando preencher o vazio e vencer a angustiante certeza da morte. Irônica ambição de dar conta do impossível: fixar por todo o sempre as coisas (e o mundo) num mesmo lugar. A ironia é vista como um processo que se instala no lugar da emissão e no da recepção onde se produzem sentidos delineadores de identidades a partir de jogos de sedução, de artimanhas pelas quais autor e leitor, narrador e narratário buscam se alcançar, utilizando-se da linguagem e de sua capacidade de "sempre dizer alguma coisa, ainda quando não está dizendo nada", como acentua o artigo "Considerações em torno dos fundamentos semióticos da ironia" (p. 169-182). Jogos irônicos da trama semiótica que afirma a natureza representativa dos signos.

Em todos os trabalhos observam-se pontos que podem ser agrupados como característicos da ironia: a auto-encenação do narrador, a multiplicidade de jogos que garantem o eterno deslizar de intenções, sentidos e significações; a relativização de verdades e a reconstrução de poder. Os pontos comuns não impedem, todavia, que particularidades sejam consideradas ainda quando se fala do mesmo autor, como é o caso de Augusto Abelaira. Seus livros *Bolor*, *As boas intenções*, *O triunfo da morte* e *A palavra é de ouro* foram analisados a partir da observação dos intrincados mecanismos dessa escrita em que a ironia aparece não só como recurso estilístico e de conscientização social, mas também como artifício do homem que finge dominar, pelo uso da linguagem, as forças que regem seu destino.

Por outro lado, os textos sobre *Memorial do convento* e *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, desvelam a ironia como recurso que possibilita a visão crítica do poder político e religioso a partir de um trabalho lúcido produtor de um entrecruzar de sentidos em que se perde o leitor desavisado. E às vezes até o advertido. Jogo de esconde-esconde construído por vozes que, falando em eco, procuram confundir o leitor que corre sempre o risco de cair nas armadilhas acionadas pelo texto.

\*... Que coisa mais escanifobética\*, poderíamos dizer, imitando o espanto do narrador irreverente de Mário de Carvalho, em *Casos*

A leitura das peças *Felizmente há luar*, de Luís de Sittau-Monteiro e *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, de Antônio José da Silva, destacam os jogos irônicos que viabilizam a crítica social e pretendem induzir à conscientização, lendo o contexto pelas peculiaridades dos textos que explicitam seu caráter de representação, de encenação.

As análises que enfocam a literatura brasileira percorrem, em textos de Machado de Assis, Guimarães Rosa e Murilo Mendes, os índices da ironia desarticuladores de intenções pré-determinadas. Nos contos "Teoria do Medalhão", "O espelho" e "Missa do galo", de Machado de Assis, a ironia se apresenta de forma clara às vezes; em outras ela emerge através de uma "estética do ato falho" - como bem observa o analista de "Missa do galo" - para desconstruir o discurso/saber de um narrador onisciente, que os recursos com que o narrador pretende prender o leitor podem funcionar como uma fresta por onde se "enxerga" o que o narrador parece não querer dizer. Tudo muito ao jeito peculiar de Machado de Assis de mostrar o caráter de encenação do texto que, como num teatro, re-apresenta o mistério da vida, nem sempre doce, mas sempre fascinante porque contraditório.

O artigo sobre Murilo Mendes trabalha, "à luz do conceito de ironia romântica e de teorias estéticas da modernidade", os poemas "Texto de informação" e "Texto de consulta" e o sobre Guimarães Rosa busca no conto "Quadrado de estória" perceber a ironia como "tensão entre elementos opostos" que possibilita ao usuário da linguagem fazer com que ela diga mais do que diz, dizendo o contrário.

Outras literaturas estão representadas na Revista pela leitura crítica dos textos *O capote*, de Nicolau Gogol, e *Júlio César*, de Shakespeare. A analista do conto de Gogol vai pinçar os pontos que, ironicamente, (des)construem o "capote textual". Utiliza-se da metáfora do alfaiate, "aquele que costura a roupa" e a associa com a função do narrador que constrói/costura a história. Já em *Júlio César* será destacada a função pragmática do discurso irônico, através da análise da palavra de Marco Antônio que, investido de um alto poder de persuasão, induz a multidão a assumir os sentidos que se constroem pela entonação irresistivelmente volúvel da frase "Brutus é um homem honrado". Tal recurso possibilita que, a cada emissão, novos sentidos se somem aos outros antes produzidos, delirando-se a significação desejada através de matizes e pinceladas de ironia.

Em seu conjunto, os artigos revelam o trabalho de um grupo que se tem dedicado, na FALE, UFMG, à pesquisa da ironia na literatura, mostrando, muitas vezes, que as armas eficazes da ironia atingem, a cada momento, alvos inusitados que podem estar fora da mira do autor ou do narrador, cegados talvez pelo desejo de prender, num campo de tiro delineado, os sentidos detonados por suas armas poderosas. Ou quase.

Maria Nazareth Soares Fonseca

## Notícias Bibliográficas

**GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS FALADO**, org. de Rodolfo Ilari, Editora da UNICAMP, Campinas, 1992.

O livro bem estruturado tem a colaboração de exímios investigadores de Linguística, tais como: Leda Bisol, Luiz Carlos Cagliari, Moraes e Yonne Leite, Margarida Basilio, Ieda Maria Alves, Odete G. L. A. S. Campos, Ângela Cecília S. Rodrigues, Iara B. Costa, Rodolfo Ilari, Ataliba B. de Castilho, Maria Helena de Moura Neves, Marco Antônio de Oliveira, Sérgio Possenti, Fernando Tarallo, Mary Kato, Célia Cândida A. S. Jubran, Hidinilson Urbano. Rodolfo Ilari apresenta o resultado de tão sério e fecundo trabalho: *Gramática do português falado* comporta uma descrição extremamente abrangente, excedendo em várias direções o modelo corrente da gramática, que se limita à morfologia, à sintaxe da operação e à sintaxe do período. O fato de trabalharmos sobre o português falado permitiu que muitos de nós se voltassem para o velho objeto da língua portuguesa com certa gratuidade, isto é, com uma atitude relativamente livre quer em face da tradição gramatical quer da própria formação linguística. Com isso foi finalmente possível enfrentar alguns antigos desafios e balizar o tratamento de algumas áreas, como a entonação do e o texto, cuja inclusão entre os "temas dignos de nota" parece ser a essa altura um fato consumado.

**PERVERSAS FAMÍLIAS**, Luiz Antônio de Assis Brasil, Editora Mercado Aberto Ltda, Porto Alegre, 1992.

O romance histórico *Perversas famílias* é a oitava obra de ficção que o autor entrega aos leitores a partir de 1976, quando saiu a lume *Um quarto de léguas*. Nessas obras o autor relata a micro e macro-história de um povo e de um continente. O estilo fluente, minucioso e descritivo permite apreciar a grande paisagem do mundo físico que envolve o mundo das almas dos personagens que se movem na sociedade rural ou urbana da Província de São Pedro do Rio Grande e das raízes que se estendem desde os Açores até as paragens do Pampa.

**CARTAS DESCONOCIDAS DE JULIO CORTAZAR**, Mignon Domínguez, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1992.

O estudo das cartas de autores célebres é interessante e elucidativo não só da personalidade mas também da obra. Mignon Domínguez é o nome literário de Petrona Domínguez Rodríguez Pasqués, da Universidade de Buenos Aires, PhD pela Catholic University of America, com a tese *EL DISCURSO INDIRECTO LIBRE EN LA NOVELA ARGENTINA*. Realizou importantes investigações literárias e linguísticas na Universidade de Heidelberg. Lecionou as disciplinas de Estilística e de Literatura Hispano-americana no Curso de Doutorado em Letras da PUCRS, na década de 1970. Publicou, entre outros, os livros: *El pacaní de los tueros*, 16 cuentos argentinos, *Cuentos fantásticos hispanoamericanos* e *Estudios de narratología*. Escritora desde cedo manifestou seus dotes na crônica e na crítica literária no seminário *EL ECO*, fundado pelo pai em Villa del Parque. Estudiosa profunda dos latino-americanos, nas *Cartas de Julio Cortazar* procura a face menos conhecida, mais velada, para revelar a alma e a força do escritor. A correspondência de 1939 a 1945 é algo de muito revelador aos estudiosos. A apresentadora das *Cartas* assim se expressa: "É duvidoso que uma pessoa possa ser conhecida por suas cartas, mas no caso de Julio Cortazar, como no de Proust, Flaubert, Joyce, Steinbeck, Claudel, Gide, Nabokov e tantos outros, as cartas se convertem em luzes de cana que iluminam posturas, gestos e frueassos de sua vida". Mignon Domínguez é mestra e tem alma de artista e de verdadeira sensibilidade crítica.

**A DIVINA PASTORA**, romance, Caldre e Pião, 1ª edição, Rio de Janeiro, 1847 e 2ª edição, Porto Alegre, 1992, RBS.

A Rede Brasil Sul está resgatando uma raridade da literatura brasileira ao promover a reedição de *A divina pastora*, primeiro romance de um autor rio-grandense e o

segundo brasileiro, pois foi publicado em 1847, no Rio de Janeiro, dois anos depois de A moreninha, de Joaquim Manoel de Macedo.

Durante 145 anos esse livro de José Antonio do Vale Caldre Fião se transformou em enorme enigma, até a descoberta de um exemplar em Montevidéu, Uruguai. Adquirida para integrar o acervo da Memória RBS, da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, a obra foi reeditada na comemoração dos 35 anos da RBS.

Esta edição, com fixação do texto e um ensaio crítico do prof. Flávio Loureiro Chaves, titular de Literatura Brasileira da UFRGS, incluindo um estudo biográfico do autor pelo historiador Carlos Reverbel, está à disposição dos leitores e curiosos da ficção rio-grandense.

**VIDÊNCIA E ACASO**, Maria Carpi, editora Movimento, Porto Alegre, 1992.

Após o sucesso do livro *Desiderium desideravi*, Maria Carpi aparece com *Vidência e acaso*, em que a poesia tem o teor do vinho marsala, feito de uvas tardias, mais sumarentas e concentradas. Não por acaso, mas por adentrar-se no ver. Desfez-se dos escritos da mocidade, como a cerrar as pálpebras aos idos, abrindo-as na maturidade. O presente livro é o nascimento do olhar. A vidência gera o vidente. Não mais os azares de *Un coup de dés*, mas o ingresso no visto, conduzindo os dias. A Poesia é claridade. Recebeu os prêmios literários de Revelação Poesia, de 1990, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, e Érico Veríssimo, da Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

No poema 61 enlaça o tema do *Desiderium desideravi* com *Vidência e acaso*:

O vento é acaso e a árvore,  
vidência. Mas o vento que  
circunda a Árvore faz-se  
vidência, sonoro, audível.

**VALORES NO PROCESSO EDUCATIVO**, org. Délcia Enrícone, textos de Ir. Elvo Clemente, Juan José Mourinho Mosquera, Ir. Moacyr Caetano Empinotti, Mons. Urbano Zilles e Zilah Mattos Totta, 2ª edição, Sagra - De Luzzatto e EDIPUCRS, Porto Alegre, 1992. O livro é coletânea de textos produzidos em torno do tema VALORES na educação. Trabalho oportuno no momento em que se derrubam tantos valores nas escolas e nas famílias.

**AS NOVAS LIDERANÇAS A SERVIÇO DA COMUNIDADE**, Ir. Moacyr Caetano Empinotti, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1992. O livro apresenta de maneira agradável e incisiva o nascimento, o crescimento e a ação do líder em três partes e 15 capítulos sob os títulos sugestivos: O líder como pessoa humana, O líder e sua estrutura psicossocial, A presença do pseudolíder, O líder e a comunidade e A comunidade e o líder. Em suas 173 páginas a obra é de presença obrigatória nas famílias, nos grupos de jovens, nas escolas e nas paróquias e nas comunidades religiosas, sem excluir as comunidades do trabalho e da política.

**MÁSCARAS DE NARCISO**, Clara Rocha, Livraria Almedina, Coimbra, 1992. Clara Rocha, professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, apresenta excelente livro de Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal. A expressão "literatura autobiográfica" designa as várias faces que pode assumir a escritura de um sujeito sobre si mesmo (confissões, diários, auto-retratos, etc.). O levantamento, confessa a autora, não pode ser exaustivo. Optou por uma seleção pessoal de obras declaradas ou tangencialmente autobiográficas, em que intervieram critérios de representatividade e de qualidade estética. Tem uma introdução histórico-teórico sobre a autobiografia depois peregrina de entre escritor de Fernão Mendes Pinto até a Autobiografia de Mário Dionísio. São 271 páginas de profunda intimidade com tantos escritores e poetas que através dos séculos penetraram os segredos e os encantos da alma humana em sua aventura a caminho de si mesma em direção do infinito.

**CAMÕES NO SEU TEMPO E NO NOSSO**, Américo da Costa Ramalho, professor da Universidade de Coimbra, Livraria Almedina, Coimbra, 1992. O prof. Ramalho, cate-drático jubilado, é sócio efetivo da Academia das Ciências, sócio de número da Academia Portuguesa da História. É autor de livros importantes como: *Dipla Onomata* no estilo de

Aristófanes, *Estudos sobre a época do Renascimento*, *Estudos camonianos*, *Estudos sobre o século XVI*, *Para a história da humanidade em Portugal e agora Camões no seu tempo e no nosso*. Costa Ramalho coloca a figura ímpar de Luiz Vaz de Camões dentro do século XVI, imbuído do humanismo renascentista em busca das fontes dos Lusíadas.

**THE SLOPES OF A GAZE**, Eugénio de Andrade, tradução de Alexis Levitin, publicado por Apalachee Press, oferta da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1992. Escreveu livros importantes traduzidos em espanhol, francês e inglês: *Complete Poetry and Prose*, *As mãos e os frutos (Hands and Fruit)*, *White on white, Another name of Earth*. *Slopes of a gaze* teve grande repercussão na crítica europeia.

## PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA PUCRS

### VERITAS

Revista de Filosofia e Ciências Humanas - Trimestral

### LETRAS DE HOJE

Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa - Trimestral

### TEOCOMUNICAÇÃO

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins,  
Órgão de comunicação do Instituto de Teologia - Trimestral

### ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Revista de estudos sobre História e a Literatura Ibero-Americana,  
do Curso de Pós-Graduação em História - semestral

### REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria - Trimestral

### PSICO

Revista especializada em Psicologia - Semestral

### DIREITO & JUSTIÇA

Revista da Faculdade de Direito - Sem periodicidade

### EDUCAÇÃO

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação  
Semestral

### ODONTO CIÊNCIA

Revista da Faculdade de Odontologia - Semestral

### PUCRS - INFORMAÇÃO

Boletim informativo - Bimestral

### AGENDA PUCRS

Boletim informativo interno da PUCRS - Mensal

### COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS

Sem periodicidade

### MUNDO JOVEM

Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao  
Instituto de Teologia e Ciências Religiosas - Mensal

### ANÁLISE

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas - Semestral

### BRASIL/BRAZIL

Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada  
Editada pela PUCRS, Brown University e Editora Mercado Aberto - Semestral